



Entrevista com Carlos Carballo: "As transformações agrárias andam de mãos dadas com a conscientização que construímos com a sociedade urbana organizada".

Por Yanina Settembrino e Gabriela Cogo, para RAÍZES.

23/04/2025

Carlos Carballo é engenheiro agrônomo formado pela Faculdade de Agronomia da Universidade de Buenos Aires (FAUBA), professor e pesquisador. Como membro da Comissão de Direitos Humanos da FAUBA desde o início dos anos 2000, ele promoveu, junto com outros, a criação de uma Cátedra Livre de Soberania Alimentar dentro dessa unidade acadêmica.

Por que uma Cátedra Livre de Soberania Alimentar? O que significa e em que contexto é criada?

A Cátedra Livre foi incorporada ao Estatuto da Universidade Argentina após a Reforma de 1918. Os reformadores daquela época consideravam que muitas das demandas sociais e



avanços na ciência, arte e cultura não estavam incluídos nos currículos dos programas universitários. Por isso, pensaram nas Cátedras Livres ou Cátedras Abertas, com o objetivo de incluir no currículo universitário as disciplinas que estavam surgindo na sociedade, mas que ainda não estavam formalmente contempladas.

A primeira Cátedra Livre de Soberania Alimentar foi criada na Universidade Nacional de La Plata em 2003, no contexto da grande crise alimentar pela qual a Argentina estava passando.

Foi somente em 2011 que estabelecemos a Cátedra Livre na Faculdade de Agronomia da Universidade de Buenos Aires. Não foi, de forma alguma, um processo simples. Como resultado de nosso progresso, o curso de Nutrição da Faculdade de Ciências Médicas também conseguiu criar sua própria cátedra, graças ao trabalho árduo do Centro de Estudantes. Desde então, elas têm se multiplicado em todo o país.

Atualmente, há mais de 60 coletivos, cátedras livres e abertas que, com diferentes graus de formalidade institucional, abordam a questão da soberania alimentar. Em muitos casos, tratamos também de outras questões relacionadas, como agricultura familiar, agroecologia, sociedade, meio ambiente e nutrição, entre outras.

Quem são os membros das Cátedras Livres?

O Estatuto da Universidade não estabelece uma composição obrigatória, portanto, em cada caso, ela é diferente. Na maioria dos casos, é formada por professores, graduados e estudantes da mesma e de outras universidades. Em muitos casos, também participam representantes de organizações comprometidas com a agricultura familiar, organizações de produtores, organizações de trabalhadores, coletivos de consumidores e coletivos ambientais. Ela é concebida como um espaço democrático, pluralista e intersectorial. Em outras palavras, não reproduz os níveis hierárquicos das cátedras universitárias tradicionais.

Em todo o país, há cerca de 500 a 600 pessoas que fazem parte da rede Cátedras Livres, com uma média de 15 a 20 pessoas por cátedra. São pessoas que estão envolvidas de forma ativa e permanente, com responsabilidade, trabalho e vínculos com o território. E trabalhamos com dez coletivos e organizações locais, provinciais, regionais ou nacionais que mantêm um intercâmbio permanente com as cátedras.

Como esses cursos se encaixam no ciclo educacional de um aluno?



Cada cátedra elabora sua própria estratégia, de acordo com seu grau de inserção na universidade e com os espaços que considera mais necessários ou favoráveis.

Alguns de nós oferecem cursos anuais sistemáticos e opcionais, que concedem créditos acadêmicos a quem os frequenta. Há também cursos que permitem a participação de diferentes atores sociais, mesmo que não sejam alunos ou façam parte da comunidade universitária. Em outras palavras, são cátedras abertas. Entretanto, não tem sido fácil obter o reconhecimento institucional disso. Na FAUBA, por exemplo, estamos passando por esse debate.

Em 2012, apresentamos a proposta da Cátedra Livre ao Conselho de Curadores. Ela foi rapidamente aprovada, como uma disciplina voltada para a comunidade universitária, com os mesmos critérios das demais disciplinas. Mas quando propusemos que representantes de organizações sociais, produtores e outros atores da comunidade também pudessem participar como alunos, a resposta foi totalmente negativa.

O argumento foi que "isso implica baixar o nível". Para nós, essa participação foi fundamental; dissemos: quem pode trazer a voz da agroecologia, se não aqueles que a estão construindo no território? Quem pode trazer a voz, a experiência e as demandas da economia social, se não a comunidade que a constrói? Que graduação de nossa universidade pode trazer essas vozes? E isso não reduz o nível, mas integra, favorece, multiplica.

Após um ano inteiro de intensas discussões, o Conselho de Administração finalmente aprovou nossa proposta. Os presidentes de conselho no resto do país seguiram esse modelo e, em geral, tiveram menos problemas com a aprovação.

Desde aquele ano, temos ministrado o curso continuamente, de forma presencial, com exceções, como durante a pandemia de Covid-19, quando o mantivemos virtual. A parte mais rica do curso é sua dinâmica participativa: dividimos os alunos em grupos de trabalho, e cada grupo tem de visitar, analisar e refletir sobre uma experiência específica de construção da soberania alimentar e da agroecologia. Isso é então apresentado como um projeto final.



Visita participativa no decorrer de 2024. Foto: CALISA-FAUBA.

Que conteúdo faz parte de uma cátedra sobre soberania alimentar?

Em geral, com nuances relacionadas à diversidade do território, partimos da premissa de que as questões alimentares - e, portanto, a soberania alimentar - não podem ser compreendidas sem considerar o sistema agroalimentar como um todo. Portanto, incluímos conteúdo relacionado à produção, ao processamento e à distribuição de alimentos. E há uma dimensão que trabalhamos com muita ênfase e que consideramos fundamental: o consumo, relacionado à alimentação e à nutrição. Esse último aspecto é fundamental para o nosso trabalho, especialmente nas cadeiras de universidades de massa, que tendem a estar localizadas em grandes cidades.

A sociedade argentina é altamente urbanizada: mais de 90% da população é urbana. Dessa urbanização crescente e da história da organização dos trabalhadores e dos movimentos urbanos, emerge uma das ideias mais fortes que trabalhamos como coletivo: as transformações agrárias estão profundamente ligadas à consciência que pode ser construída por uma sociedade urbana organizada.

O debate sobre alimentação-saúde - que inclui o debate sobre renda, ocupação, subocupação, organização familiar, dinâmica de inserção familiar nos mercados de trabalho, participação das mulheres, reorganização familiar - é fundamental para os processos pelos quais estamos passando como sociedade.



Você estava falando sobre como a questão alimentar é atravessada por várias dimensões. No entanto, na Faculdade de Agronomia, essa questão parece estar muito distante. Em sua opinião, qual é o papel da interdisciplinaridade na abordagem dessa questão?

A colaboração dos colegas da Cátedra Livre da Faculdade de Ciências Médicas foi fundamental para isso, pois eles incorporam a dimensão de alimentos, nutrição e saúde.

Atualmente, duas das seis aulas do nosso curso são ministradas por membros do departamento de nutrição. E no ano passado, em uma dessas aulas, um colega de classe fez com que todos nós cozinhassemos. Fizemos isso na cantina da faculdade, e cada pessoa trouxe sua tábua de cozinha, seu avental e seus utensílios de cozinha. Preparamos a comida enquanto debatíamos.

Essa é uma das práticas mais ricas e mobilizadoras que fazemos: que todas as atividades incluam alimentos compartilhados. Ou seja, incluir a experiência. Todos nós trazemos comida e compartilhamos o que trazemos, por que trazemos, o que significa, como preparamos.

Recuperamos um espaço de reunião em torno dos alimentos e dedicamos alguns momentos para refletir sobre isso, que nos leva a refletir sobre algo fundamental: quem produz nossos alimentos? De onde eles vêm? Como são produzidos? E então nomeamos os alimentos que usamos: "Este arroz é produzido por tal e tal organização, com tais e tais características", "Este vegetal é produzido por Maria e sua família com tais e tais práticas". Isso nos aproxima do sistema de produção agrícola e da vida rural, e nos torna mais conscientes e solidários com as lutas e demandas dos setores agrários.



As aulas incluem a participação de organizações rurais e urbanas e a experiência dos próprios alunos. Fotos: CALISA-FAUBA.

A contribuição da universidade para as necessidades atuais da sociedade está sendo discutida atualmente. Nesse sentido, o que você acha que as Cátedras Livres em



Soberania Alimentar contribuem para os alunos como futuros técnicos e profissionais?

Em minha opinião, os alunos que participam das Cátedras Livres sobre Soberania Alimentar geralmente já têm algum tipo de preocupação, motivação e sensibilidade. A universidade não gera isso para eles. A maioria dos professores e profissionais não está comprometida com essa abordagem. Nem nas carreiras de saúde, nem nas de nutrição, nem naquelas ligadas à produção ou tecnologia agrícola.

Os problemas que estamos tentando incorporar a essas cátedras vêm da marginalidade e a luta a partir das margens. Incorporar áreas ou professores a essa reflexão é nosso grande avanço.

Agora, uma cátedra - por mais comprometida e bem pensada que seja - não pode mudar o acúmulo que vem de todo o treinamento anterior, da abordagem dominante. É por isso que sempre pensamos que temos que trazer a comunidade para dentro da universidade. Lutando nos espaços disponíveis apenas nas palestras formais, não conseguimos uma mudança real. É por isso que nos esforçamos muito para criar uma feira dentro da estrutura da faculdade. Acreditamos que a participação dos atores na feira, as organizações, as fundações, as associações de todos os tipos, tamanhos e cores, com sua diversidade, podem mover mais estruturas do que qualquer discurso acadêmico, por melhor que fosse.

Na feira, há organizações de produtores agroecológicos e de economia social e, para eles, esse é um espaço de comercialização muito valioso. É um coletivo do qual participam cerca de 150 atores, com assembleias regulares. Esse coletivo está passando por discussões, mas está vivo, é sustentado, é mantido, é recriado e é uma proposta de enorme vitalidade que é reconhecida em toda a cidade de Buenos Aires. Estamos convencidos de que esse é o caminho a seguir.

Mas, a feira não é suficiente. Precisamos urgentemente de uma presença ativa, maciça e concreta dentro da universidade, de todos os atores que estão construindo a Soberania Alimentar. E isso não pode ser alcançado por meio de discursos, mas por meio de ações.

As Cátedras de Soberania Alimentar reconhecem nossa marginalidade, somos um espaço de luta dentro da universidade, que tem a obrigação e o compromisso - que não é fácil - de se articular com outros espaços de luta.



Feira do Produtor ao Consumidor na Faculdade de Agronomia. Fotos: CALISA-FAUBA.

O que você considera ser sua maior conquista ao longo dos anos?

As Cátedras trabalham em rede: desde 2022, criamos uma coordenação nacional, com um representante de cada uma das regiões, que orienta os objetivos e as estratégias. A principal ferramenta de articulação tem sido os Relatórios Anuais sobre a Situação da Soberania Alimentar na Argentina. Relatórios que estamos construindo há três anos, a partir dos territórios, de baixo para cima, com a participação de diversos atores e organizações sociais. Considero esses relatórios uma de nossas conquistas mais importantes. Obtivemos grande reconhecimento dos atores e organizações sociais. Demos nossa contribuição para tornar a Soberania Alimentar mais visível, acompanhando os processos e as lutas que já estavam ocorrendo nos territórios.

No ano passado, apresentamos o Relatório de Situação sobre Soberania Alimentar na Universidade Nacional de Jujuy, com presença das autoridades da universidade e apoio do parlamento de San Salvador de Jujuy. Esse reconhecimento institucional é outra conquista de nosso espaço.

As autoridades universitárias estão presentes na inauguração de nossos cursos. Apresentamos um relatório anual de nosso trabalho. As atividades que realizamos têm o logotipo da Faculdade. Temos nosso próprio espaço físico. Uma de nossas principais referências, Miriam Gorban, recebeu o título de Doutora Honoris Causa de várias universidades.

Há um reconhecimento formal da instituição. Mas isso precisa crescer.

Temos que colocar o papel da universidade pública no centro do debate e, de certa forma, estamos fazendo isso com o nosso espaço. Como a universidade pública contribui para o conhecimento, a compreensão e o comprometimento com a questão alimentar; e o que precisa mudar para responder a uma demanda social tão importante.

Temos um longo caminho a percorrer. E vamos fazer isso com os movimentos sociais dentro da universidade, ou não vamos conseguir.



Apresentação do Relatório Anual sobre a Situação da Soberania Alimentar na Argentina 2023. Foto: CALISA-FAUBA.

Neste momento em que há uma transição no sistema agroalimentar global, na forma como os alimentos são produzidos no mundo, você acha que a agroecologia e formas mais sustentáveis de produção têm a oportunidade de fornecer uma solução para o problema alimentar mundial?

O problema alimentar é urgente e não é novo, mas é dramático e urgente. Temos que criar acordos sobre como lidar com a questão alimentar de nossa população. Isso não é uma opção, é uma obrigação. Mas é claro que não é fácil.

No caso da Argentina, o debate central é a transição do modelo de produção. O que é necessário, quais são as medidas para construir uma transição que desmonte um modelo agroalimentar que se instalou no país nos últimos 50-60 anos, tanto política quanto social e culturalmente. Houve avanços institucionais no reconhecimento e na promoção da agricultura camponesa e da agroecologia. Mas o problema estrutural dos recursos naturais permanece intacto, e o modelo agrário argentino continua avançando na concentração de terras e na propriedade estrangeira.

Há companheiros na universidade, nos movimentos sociais, nos partidos políticos que propõem que "o caminho a seguir é a reforma agrária". Mas a questão é: como chegaremos a essa reforma agrária? O que precisamos construir para chegar lá?



Um passo fundamental é a transição agroecológica, e as áreas periurbanas são um espaço central para essa luta e discussões. Porque são locais de encontro de produtores e consumidores, de articulação entre as áreas rurais e urbanas, que precisam aumentar em quantidade, qualidade e organização.

Pensando no futuro, há uma grande participação de jovens nesses espaços. O que você acha que os jovens trazem para as cátedras e o que eles levam delas?

Os jovens nos trazem vozes, demandas e formas de ver a realidade que são diferentes em muitos aspectos. E eles recebem a possibilidade de participar de um espaço pluralista e democrático, algo que não é nada comum na universidade. Em outros espaços, eles nem sequer podem falar. E aqui eles falam, propõem, questionam, discutem. Essa é a semente de uma universidade mais participativa - e de uma sociedade mais participativa.

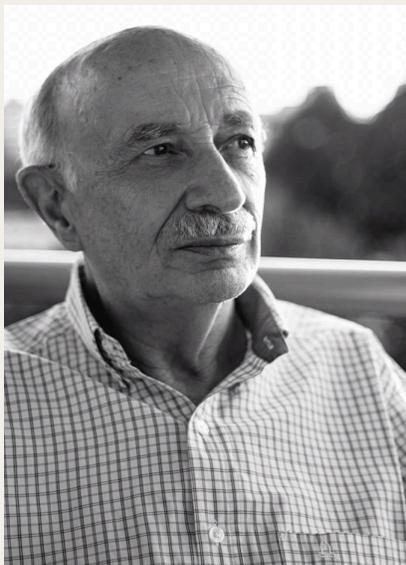
Os livros, a universidade ou a internet lhes dão algumas coisas, mas o que eles sentem, o que eles vivem, pelo que eles lutam, pelo que eles trabalham na comunidade é fundamental para o treinamento, a compreensão e a participação social. Isso ajuda a gerar um participante, um ator cujo papel fundamental deve estar na sociedade e não na academia. Obviamente, isso contradiz a mensagem dominante do meio acadêmico e é um dos pontos de atrito que temos.

Mas, me parece que a tarefa das cátedras é fundamental. Elas reúnem grupos de alunos de diferentes disciplinas, de diferentes idades, com outros atores sociais. Eles trabalham juntos, passam pelo processo de aprender sobre experiências produtivas e comunitárias de natureza diferente. É uma construção coletiva que fortalece os vínculos organizacionais.

Quais são os desafios futuros?

Temos o compromisso de acompanhar aqueles que, em diferentes lugares, tanto na Argentina como em toda a América Latina, estão trabalhando com a questão da Soberania Alimentar. Essa é a nossa pequena contribuição, a partir da Universidade.

Mas, precisamos avançar de forma mais sistemática, na participação permanente das organizações e movimentos sociais na Universidade. Para que a Universidade construa respostas e contribuições para as demandas e necessidades da sociedade. Esse é um dos muitos desafios que ainda temos pela frente.



Carlos Carballo é engenheiro agrônomo da Universidade de Buenos Aires, criador e referência da Cátedra Livre de Soberania Alimentar. Foto: CALISA-FAUBA
